



2º SIMPÓSIO NACIONAL SOBRE DEMOCRACIA E DESIGUALDADES

Brasília, 7 a 9 de maio/2014

Futebol "brasileiro": visibilidade e desigualdade na performance (inter)nacional

Lennita Ruggi

(Universidade Federal do Paraná)

Fagner Carniel

(Universidade Estadual de Maringá)

Abstract: The proposal of this paper is to map how class, gender, sexuality, and race inequalities are being disseminated by the mass media to the construction of Brazil as the "country of soccer". To this end the first part of the article locates the game as a media-sporting event linked to international inequities. It is an attempt to address issues concerning informational politics pervaded with ethnocentrism and that for this very reason provides contestation possibilities. Afterwards, it is present some of the discursive strategies that sustain the enhancement of soccer as a national symbol by organizing the performances that provide coherence to the Brazilianness imaginary and to the very existence of "Brazil". They are assertions concerning a widely publicized shared identity that objectifies women and renders them invisible. In the last part of the article the caricatured incorporation of "black contribution" to the typically Brazilian game-style is exposed to access the double sword bias of black recognition in soccer professionalization.

Key-words: soccer; inequalities; information.

Resumo: A proposta deste artigo é mapear como desigualdades de classe, gênero, sexualidade e raça estão sendo disseminadas pelos meios de comunicação na construção discursiva do Brasil como "país do futebol". Para tanto, a primeira parte do texto localiza o jogo como fenômeno midiático-esportivo vinculado às desigualdades internacionais. Trata-se de uma tentativa de aproximação com questões de política informacional que estão impregnadas de etnocentrismo e, por isso mesmo, oferecem possibilidades de contestação. Posteriormente são apresentadas algumas das estratégias discursivas que sustentam a elevação do futebol a símbolo nacional, organizando performances que dão coerência ao imaginário de brasilidade e à própria existência "do" Brasil. São enunciações sobre identidade compartilhada amplamente publicizadas que invisibilizam e objetificam as mulheres. Na última parte do texto, a incorporação caricata da "contribuição negra" ao estilo de jogo tipicamente brasileiro, auxiliará na problematizar do viés dúbio de reconhecimento que a profissionalização do futebol confere aos seus praticantes.

Palavras-chave: futebol; desigualdades; informação.

Distanciando-se de perspectivas que enxergam o futebol como “língua universal”, este trabalho assume como ponto de partida a cidade de Curitiba¹, onde a pesquisa efetivamente foi desenvolvida. Charges publicadas diariamente no jornal Gazeta do Povo, o maior da cidade, trazem “Los Tres Inimigos”², personagens representativos das três agremiações profissionais curitibanas (Coritiba, Paraná Clube e Atlético Paranaense). Na charge aqui apresentada, o cartunista retrata, com humor, a visibilidade diferenciada proporcionada pelas diversas especialidades do jogo. Os torcedores olham de soslaio para os clubes paulistas (São Paulo e Palmeiras), que atuam em uma tela significativamente maior do que a destinada ao futebol local. Trata-se de uma desigualdade relacionada à disparidade regional brasileira e à existência de um “Norte-interno”, cujo centro é o Sudeste, que sustenta dinâmicas de poder e exploração com outras áreas geográficas, inclusive no futebol.



Seguindo a analogia de Recchia, o futebol europeu próspero teria provavelmente o tamanho de uma tela de cinema no comparativo midiático global. Isto é transparente na narrativa construída por John Carlin sobre o Real Madrid em *Anjos Brancos à beira do inferno* (2006). Carlin introduz seu livro com a descrição de uma viagem feita ao Quênia em 2003: "Eu fui à África escrever sobre a epidemia de AIDS, mas as pessoas só queriam saber de David Beckham e Real Madrid (...), a transferência do jogador de futebol mais glamouroso do mundo para o clube mais glamouroso do mundo" (2006: 16).

Narrando um debate travado por seus companheiros de jornada em um ônibus que percorria Nairóbi, ele defende que "exatamente a mesma conversa" estaria acontecendo em "todo" o planeta: "sentado naquele ônibus, pensei que a discussão que eu estava acompanhando, com toda a certeza, estava sendo reproduzida não apenas em cada esquina da Espanha, não apenas em todas as outras partes do Quênia

¹ Capital do estado do Paraná, no Sul do Brasil, Curitiba e região metropolitana congregam mais de três milhões de habitantes, sendo a oitava mais populosa cidade do país.

² Thiago Recchia (26/05/2007).

e da África, mas por todo o mundo – na França, na Alemanha, no Japão, na Rússia, na China" (2006: 17).

O espanto de Carlin reforça não apenas o estereótipo da África enquanto local de ignorância como também um retrado do futebol mundial no qual todas as atenções estão voltadas para o "centro" europeu. "Mais do que a passageira felicidade da vitória, o que o Real Madrid aspira fazer é atingir um pouco da duradora qualidade da arte, algo que toque as pessoas em *todos* os lugares, *sempre*" (2006: 20, itálicos adicionados). A convergência dessa perspectiva globalizadora com a fama dos jogadores aclamados reforça a imagem do Real Madrid como "o clube mais glamouroso do mundo".

Na ocasião em que Beckham desembarcou em Madrid para assinar seu contrato, uma indústria automotiva forneceu automóveis para serem utilizados por sua comitiva. Em meio ao frisson midiático que acompanhou a transferência, o carro "em que circulou estava o tempo todo na televisão e nas fotos de jornais em toda a parte" (Carlin, 2006: 76). O presidente da companhia, ao comentar sobre o evento, calcula que "para pagar tal quantidade de publicidade, teríamos primeiramente que vender a empresa! (...) Nem o Papa nem o presidente dos Estados Unidos, nem qualquer um em quem eu possa pensar poderia nos dar uma publicidade como aquela" (Carlin, 2006: 77). É este potencial de visibilidade que tem feito dos clubes de futebol (e dos futebolistas que se tornam personagens midiáticos) uma das esferas de concentração dos interesses de divulgação de empresas – distribuídas, claro está, em estratos hierárquicos conforme seu poder mercado.

Em sua obra sobre a globalização do esporte, Joseph Maguire aponta que as fontes de rendimento tradicionais (como as receitas de bilheteria e a patronagem política) declinaram seu percentual de participação na arrecadação total das organizações desportivas a partir da última metade do século XX. Ele denomina a inter-relação entre os meios de comunicação e o esporte de alto nível de "complexo global midiático-esportivo" e observa que esta é a origem de uma parcela substancial das novas fontes de recursos. "As organizações esportivas têm que garantir exposição suficiente para si mesmas a fim de estarem visíveis no mercado de patrocínios e promoções. A cobertura midiática assegura isso" (1999: 150). A dependência com relação à mídia, que tem aumentado com o tempo, representa uma espécie de subordinação aos padrões de divulgação vigentes no meio do entretenimento. Não parece gratuito que a charge de Tiago Recchia retrate os times de futebol em vitrines.

O "perfil" do Real Madrid, tal como é vendido para seus parceiros de *marketing*, incorpora "ideias de elegância, estilo e classe". O clube seria "naturalmente aristocrático" e um definidor da "*Españolidad*" (ainda que talvez fosse mais honesto dizer "*Castellanidad*"). Trabalhando a partir de entrevistas, Carlin reproduz em sua obra uma perspectiva que legitima a pretensão expansionista do clube com base na tradição colonialista do país. Neste sentido, um "jornalista conhecido" de Madri teria afirmado: "Não se esqueça de que, desde que a Espanha comandou os mares no século XVI, desde o tempo de Felipe II, o Real é a maior coisa que a Espanha produziu em termos de alcance internacional. O que o Real faz pelos espanhóis é suprir um desejo nostálgico de, de alguma forma, recuperar aquelas glórias imperiais" (apud Carlin, 2006: 78-9).

Mesmo sendo difícil concordar que todos os torcedores do Real Madrid o sejam por razões "psico-históricas", é relevante que um embaixador da Espanha nas Nações Unidas, Inocencio Arias, "também gosta[sse] muito de estabelecer relações entre Felipe II, o grande rei imperial do século XVI e os soldados estrangeiros na armada do Real Madrid" (2006: 79). Trata-se de uma estratégia de reivindicação da história que visa legitimar a "superioridade" da agremiação espanhola e, por corolário, do futebol "europeu". Afirmações deste calibre revelam a dimensão geopolítica do futebol contemporâneo e sua utilização para reforçar (tanto simbólica quando economicamente) as desigualdades financeiro-futebolísticas nacionais.

As diferentes geografias de ressonância implicam que nem todos os espaços possam "sustentar" jogadores de destaque. Neste sentido, o sistema desportivo funciona ativamente em sub-desenvolver o universo futebolístico de países como o Brasil. "Os trabalhadores mais qualificados, nos quais os Estados periféricos ou semiperiféricos investiram tempo e recursos, são levados embora para os Estados centrais, cuja riqueza deriva do controle sobre o trabalho atlético e artístico e o sistema de produção midiático-esportivo/artístico" (Maguire, 1999: 19).

As transferências internacionais de futebolistas provenientes de países do Sul para os do Norte são efeito direto das condições desiguais do futebol mundial – e reforçam tal desigualdade. Exemplo maior desta hegemonia retro-alimentada é a distribuição, pela Federação Internacional de Futebol Associação (FIFA), do prêmio de "melhor do mundo" – prontamente reproduzida em manchetes pelos meios de comunicação desportivos no Brasil e em outros países. De acordo com Sérgio Souto:

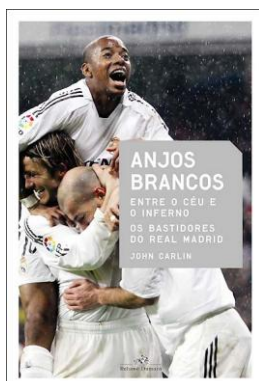
“se transformou o que seria a eleição do ‘melhor jogador da temporada anual europeia’ na de ‘melhor jogador do mundo’” (Souto, 2004: 127). Impossível não recordar estratégia semelhante aplicada ao mercado cinematográfico com a atribuição do Prêmio Oscar (Shohat, Stam, 2006).

Por outro lado, a despeito da existência de agentes poderosos que visam controlar e regular o sistema esportivo global, ele “possui uma dinâmica relativamente autônoma que não é dominada por nenhum grupo específico” (Maguire, 1999: 151). Observação semelhante pode ser feita a respeito da(s) mídia(s) e este é um aspecto crucial para que a expressão esportiva/midiática de um espaço “periférico” não seja tomada como mero reflexo distorcido e diminuído das imagens hegemônicas provenientes do “centro”. Em outras palavras, apesar da tela destinada ao futebol paranaense ser comparativamente menor ao espaço concedido à Beckham e ao Real Madrid, isto não torna menos prepotente a afirmação de Carlin de que, em junho de 2003, Beckhan fosse “o único” assunto em todas as esquinas do mundo. Acatando a ressalva de Maguire, convém localizar tal perspectiva em meio às relações de poder esportivas, imersa como está em interesses e estratégias competitivas – não restritos ao campo de jogo.

O jornal *Gazeta do Povo*, de Curitiba, não é exceção: limita sua seção "Internacional" a seis nações europeias, transformando em ausência os campeonatos disputados em outros países e continentes, incluindo o famoso futebol argentino. Para além dessa seleção específica, que reforça a hegemonia do "centro" futebolístico global, causa impressão as estratégias literárias utilizadas para narrar os desdobramentos dos campeonatos: os times são descritos a partir da nomeação dos jogadores brasileiros que neles atuam. O discurso hegemônico é, portanto, apropriado de uma maneira muito específica que, se legitima a superioridade de certa Europa, simultaneamente glorifica os jogadores brasileiros que são bem sucedidos no exterior.

A importância da proximidade com o público como um dos principais critérios de noticiabilidade ajuda a explicar esta configuração. Mas ela está também inserida em uma ordem de discurso mais ampla, que diz respeito à reivindicação de uma identidade compartilhada pelos jogadores de futebol brasileiros – passível de ser mobilizada como símbolo da nação. Não importa quão famoso ele seja em outros países do mundo, Beckham dificilmente seria contratado para figurar em uma campanha publicitária no Brasil. Neste sentido, o livro de John Carlin, que em sua publicação inglesa trazia à capa uma foto de Beckham, teve o título *White Angels*:

Beckham, the Real Madrid and the New Football alterado para a edição brasileira, cuja capa destaca não o jogador inglês, mas o brasileiro Robinho:



Edição brasileira



Edição inglesa



Edição espanhola

Na temporada 2003/2004, período descrito por "Anjos Brancos", Robinho sequer atuava no Real Madrid. Independente disso, Beckham e Zidane estão literalmente encobertos pela representação do jogador brasileiro sorridente na foto que introduz o livro aos leitores conterrâneos. Parte-se do pressuposto de que um ídolo de futebol no Brasil não poderia ser de outra nacionalidade que não brasileira. Porém, se o fato de Beckham não figurar no subtítulo em português é relevante, também o é no que diz respeito à tradução em espanhol. *Los Ángeles Blancos: el Real Madrid y el nuevo fútbol* apresenta, entre fotos de futebolistas, retratos da torcida, espanhola ou não – e igualmente exclui o destaque à Beckham.

A política editorial nacionalmente diferenciada evidencia que uma dinâmica semelhante à reivindicação da brasilidade por meio do futebol se estabelece em outros países. Mais do que isso: a acreditar em Paul Gilroy (2002), as fronteiras nacionais não são limites condizentes para os estudos culturais. Os trânsitos e contrastes são mais reveladores do que a mera concordância com os parâmetros de nacionalidade reivindicados (inter)nacionalmente. Qualquer nação só existe, desde sempre, enquanto identidade contrastiva, ancorada em um conjunto de nações. Isto oferece um novo enquadramento para a afirmação de Arno Vogel, segundo a qual “os latino-americanos são passionais quando se trata de futebol. A través dele, os uruguaios, argentinos e brasileiros conseguiram os seus primeiros momentos de afirmação diante dos europeus que lhes tinham ensinado o jogo” (1982: 82).

De acordo com Pablo Alabarces, o futebol funcionou ao longo do século XX como um forte "operador de nacionalidade". Para o autor, o futebol é um dos gêneros da "máquina cultural de nacionalidade pós-moderna", pois sua história, seu caráter

épico e dramaticidade implícita são características cruciais para uma representação eficaz da nação. Além disso, trata-se de uma esfera "dramaticamente despolitizada". O futebol "narra a nação como um repertório de consumos, não como um conjunto de determinações nem de estruturas; como estilos expressivos, como eleições estéticas, como afirmações passionais; mas nunca, jamais, como um conflito de dominação que não se reduz ao resultado de uma partida" (Alabarces, 2002: 108).

Tal argumento, ao mesmo tempo em que recupera a noção de uma lógica própria do futebol, cuja existência não pode ser completamente absorvida pelos interesses políticos e/ou econômicos, ajuda a explicar como ele pôde se constituir em instrumento de regimes estatais e/ou administrativos tão diversificados quanto as ditaduras militares, os populismos pseudo-trabalhistas, os associativismos elitistas e os clubes-empresas – para manter os exemplos na esfera de referências latino-americanas. Neste sentido, o futebol serve também aos interesses midiáticos, que não inventam, mas respondem ao desejo de constituição de uma comunidade compartilhada: "Assim, [o futebol] se transforma na melhor mercadoria da indústria cultural" (Alabarces, 2002: 208).

O fato "do Brasil" (ou antes, de um selecionado de jogadores nacionais) ter sido o time vitorioso em cinco das dezenove Copas do Mundo da Fifa realizadas até o presente, contribui sobremaneira para a construção da imagem do "país do futebol". A mobilização política do futebol igualmente fomentou este investimento identitário: muitos governos se esforçaram por fazer a bola correr a seu favor. Paralelamente, a reivindicação do futebol (e seus jogadores) como indicador de brasilidade é uma representação que ultrapassa a esfera política e que já estava em formação antes mesmo de uma seleção brasileira ter conquistado qualquer Copa do Mundo.

Realizando uma investigação dos discursos sobre o estilo de jogo nacional, Hugo Lovisoló e Antônio Jorge Soares afirmam que "a narrativa sobre a cultura ou o tipo de civilização a ser construída confundia-se com as narrativas sobre o que é e o que deve ser o futebol, o Brasil e os brasileiros" (Lovisoló e Soares, 2003: 134). Segundo estes autores, a metáfora do futebol para a idealização do país constituía-se a partir: "a) do mundo civilizado europeu, que deveria modelar a jovem nação; [e] b) da cultura singular que aqui havia se instalado e se estava construindo, como corresponde a uma nação original" (Lovisoló e Soares, 2003: 134). Tornar o Brasil "o

país do futebol" foi, e continua sendo, um projeto nacional comparável ao de modernização por meio da industrialização – e imensamente mais bem sucedido.

As crônicas esportivas de um dos maiores escritores e dramaturgos brasileiros, Nelson Rodrigues, são um dos exemplos mais emblemáticos dessa discursividade. "É o homem brasileiro que vence e se afirma, de maneira dramática, no esporte" (Rodrigues, 2007: 111). Em sua narrativa, é manifesta a relação simbiótica entre pátria e futebol, construída a partir do discurso nacionalista clássico homogeneizante, portanto excludente e masculinista. O cronista, se não inaugura, exacerba o futebol como épico brasileiro. Neste sentido, suas afirmações não são menos prepotentes que as de Carlin sobre a superioridade do Real Madrid. E ambas são construídas a partir do contraste internacional.

A representação do jogador de futebol brasileiro como "melhor do mundo" denota, a um só tempo, uma reivindicação de identidade comum e uma imagem a ser difundida para os outros, não-brasileiros. Multifacetado e heterogêneo, ele foi (e é) reivindicado por uma ampla gama de perspectivas e posições políticas. Mas há um importante ponto de convergência, que perpassa a maior parte das interpretações sobre o futebol brasileiro, inclusive as análises acadêmicas. Trata-se da continuidade discursiva na qual está implícita a existência de uma identidade dos futebolistas nacionais, compartilhada por todos/as os/as brasileiros/as. Não são raros, por exemplo, menções ao "brilho de *ossos* craques" e a "paixão incondicional que [*ós*] dedicamos à bola" e "*osso* talento inato e espontâneo". As colocações de pronomes possessivos que acompanham, quase que obrigatoriamente, as alusões feitas por brasileiros/as aos jogadores brasileiros são característica importante para vislumbrar a bem sucedida colagem (Ahmed, 2004) entre Brasil e futebol.

A história do futebol é demonstrativa da preponderância que assumiu enquanto esfera de disputa(s) por hegemonia. Espaço para construções de identidades, negociações de pertencas e formulação de conhecimento, além de mercadoria privilegiada da indústria do entretenimento, o futebol está dinamicamente implicado nos processos desiguais intra- e inter-nacionais. Disseminado no final do século XIX, é um dos duradouros frutos do colonialismo inglês. Campo privilegiado para a encenação/produção de nacionalidade, o jogo foi também arena de contestação à hegemonia europeia. Neste sentido, países "periféricos" puderam (e podem) ser alçados a espaços de visibilidade amplos e positivados. A dimensão simbólica do

futebol é tão marcante que a principal competição entre clubes sul-americanos é a *Taça Libertadores da América*, em homenagem aos heróis dos movimentos de independência dos países da região. Igualmente significativa é a denominação *Liga dos Campeões* para o campeonato entre agremiações europeias.

Uma das narrativas paradigmáticas a respeito do jogo e dos jogadores é *Futebol ao sol e à sombra*, de Eduardo Galeano. A obra, que oscila entre prosa literária e denúncia social, conquistou ampla penetração desde que foi publicada em 1995. Galeano inicia seu livro afirmando que "como todos os meninos uruguaios, eu também quis ser jogador de futebol" (2004: 9). Constrói, dessa maneira, um "nós" identitário entre leitores (homens), especialmente aqueles para quem o futebol foi uma promessa de futuro não cumprida, pois o autor se reconhece, ironicamente, como "o pior perna de pau que já passou pelos campos do meu país". Denomina o futebol de "esperanto da bola", linguagem universal presente entre os chineses da dinastia Ming, os italianos do Renascimento e os astecas Pré-Colombianos (2004: 28-32).

A descrição feita por Galeano da disseminação do futebol no Cone-Sul Americano salienta que ele era "um produto de exportação tão tipicamente britânico como os tecidos de Manchester", mas que ultrapassou o círculo dos "meninos de boas famílias" e lançou raízes nos terrenos "baldios, becos e praias", fazendo convergir os interesses de imigrantes expulsos de diversos locais da Europa. Galeano afirma que, no Brasil, o futebol se "tropicalizou", a elite perdeu a prerrogativa sobre a sua prática e foram "os pobres que o enriquec[eram], enquanto o expropriavam" (2004: 39). Isso teria dado origem ao "futebol mais bonito do mundo", o brasileiro, que "prefere o prazer ao resultado" (2004: 49).

Para Galeano, as primeiras vitórias de times latino americanos sobre clubes e seleções europeias equivalem ao "segundo descobrimento da América" (2004: 52). Neste processo de expansão, o futebol tornou-se um caminho de ascensão social "para o menino pobre, em geral negro ou mulato, que só tem a bola como brinquedo: a bola é a única varinha mágica em que pode acreditar" (2004: 51). Num processo claro de invenção de tradições, os jogadores contemporâneos são representados como herdeiros diretos dos "craques" do passado, realimentando a mítica da predestinação e acentuando o nacionalismo.

Mas em meio à glorificação do futebol nacionalizado e popularizado, que teria resultado na reinvenção do jogo, *Futebol ao sol e à sombra* é também uma história de

degradação e saudosismo. Uma "triste viagem do prazer ao dever" seria o destino da mercantilização e mediatização do esporte. Galeano critica duramente a inserção de anúncios publicitários nos uniformes dos clubes e as gestões abertamente capitalistas que dominaram a FIFA desde a segunda metade do século XX. Para ele, "a engrenagem do espetáculo tritura tudo"; os jogadores "se deixa[m] levar pela promessa de mais fama e mais dinheiro", ficando "presos" na obrigação profissional que é estranha ao prazer e à beleza do "jogo pelo jogo" (2004: 19). Na configuração atual do futebol "ao sul do mundo", o itinerário de um "jogador com boas pernas e boa sorte" seria um processo de ascensão "das ruas de terra" aos clubes maiores em cidades maiores, até a "coroação" de sua carreira na Europa (2004: 201).

Hugo Lovisoló sublinha que, ao denominar seu livro de *Futebol ao sol e à sombra*, Galeano revela o caráter de denúncia que o caracteriza, com o objetivo de iluminar o que permanece "à sombra". Neste sentido, seu intuito seria "dizer-nos o que está podre no reino do futebol e deixar entrever quão maravilhoso ele seria se as causas da podridão fossem eliminadas" (Lovisoló, 2001: 80). Para Lovisoló, Galeano pertence à tradição ideológica segundo a qual o dinheiro corrompe e, portanto, o advento do "futebol espetáculo, preocupado com os lucros, estaria destruindo a beleza do esporte" (2001: 85). Distanciando-se do que chama de "saudosismo, infantilização e vitimização" (2001: 85), Lovisoló propõe questionar o pressuposto de que motivações econômicas diminuiriam a qualidade do jogo e do jogador, afirmando não ser evidente que a intersecção entre esporte e capitalismo tenha resultado automaticamente na perda de "alegria, ousadia e fantasia", como quer Galeano.

Ao diagnosticar a mercantilização como a origem de todos os males do futebol, Galeano defende a "pureza" do jogo em si: "sem motivo, sem relógio e sem juiz" (2004: 84). Paradoxalmente, este "jogo porque sim" não poderia fazer da bola a "única varinha mágica" confiável para os garotos com poucas oportunidades sócio-econômicas. Galeano acaba por defender uma perspectiva aristocrática para o esporte: ele "sente e declara que é uma decadência o fato dos jogadores profissionais serem tais, jogarem mediante um contrato de trabalho, uma de cujas principais cláusulas é o pagamento em dinheiro" (Lovisoló, 2001: 82-3). É essencial recordar, todavia, que a profissionalização está intimamente relacionada com a popularização. Este processo histórico é não raro descrito como uma vitória dos jogadores, da torcida e do próprio

futebol contra os valores elitistas que proibiam a remuneração dos atletas visando perpetuar o elitismo esportivo.

Contra a "velocidade e a força" do futebol contemporâneo, ápice de sua narrativa de desencantamento na qual "o dever acaba com o prazer", Galeano clama pela "tradição mítico-poética" que relaciona o estilo do futebol à cultura ou caráter nacional (Lovisoló, 2001: 93). Daí afirmar que o futebol brasileiro "prefere o prazer ao resultado". É possível identificar em Galeano determinada perspectiva "das trajetórias de vida dos ídolos [que] enfatizam sobremaneira a genialidade e o improviso como características marcantes e fundamentais para se alcançar o sucesso" (Helal, 2001: 135). Além de realçar o indivíduo em um jogo no qual a competição se desenrola entre equipes, tal ênfase na "genialidade" é feita em detrimento do trabalho e do esforço disciplinado. Segundo Ronaldo Helal, os modelos de idolatria hegemônicos no Brasil se aproximam dos essencialismos, louvando a capacidade inata, "como se não fosse possível ser talentoso e esforçado ao mesmo tempo" (2002: 138).

A pesquisa de Arlei Damo sobre a formação dos jogadores brasileiros descreve uma realidade bastante diversa da genialidade inata, apesar de sua mitologia ser um componente importante do processo. Segundo a estimativa realizada por Damo, o processo de produção de um jogador profissional é um investimento de cinco mil horas de treinamento, ao longo de aproximadamente dez anos, no qual as relações de poder são unilaterais e os futuros jogadores ocupam o polo mais fraco. Trata-se de um aprendizado "prolongado, metódico e seguidamente extenuante" de um sistema de referências perceptivas que supra as demandas do futebol-espetáculo (2005: 51).

As exigências embutidas no trajeto formativo torna-o menos atraente para jovens de classes média e alta, que dispõem de oportunidades educacionais e profissionais mais diversificadas. Para os garotos pobres e suas famílias, entretanto, a carreira no futebol constitui-se como investimento viável e capaz de trazer retorno compartilhável. E pode-se mesmo observar uma articulação de mão dupla, na qual as carências e dificuldades das camadas pobres brasileiras são romantizadas como formadoras do estilo de jogo aclamado como "o mais bonito do mundo".

A concepção generalizada sobre o estilo "verde amarelo" traça uma linha de continuidade entre privação e criatividade, construindo uma imagem da pobreza como

espaço desprovido de disciplinas, lúdico e despolitizado. A narrativa de ascensão social tal como é geralmente representada por meio das trajetórias de vida dos jogadores de futebol contribui para a "romantização da pobreza". José Melquíades Ursi estabelece a problemática nos seguintes termos: "A pergunta que não cala corre o mundo: por que esses meninos pobres viram estrelas de um dia para o outro quase em sequência?" (2005: 80). Juntamente com as pretensas características raciais dos afro-brasileiros, também os campos de terra, as bolas de meia e as condições adversas enfrentadas por parte das crianças brasileiras são utilizadas como fator explicativo para o "futebol-arte" nacional. "Ora, eles são tantos e jogam tão bem que nenhum estorvo abala grande parte deles. Antes de se consagrarem, viravam-se com trabalhos informais para sobreviver e superar as dificuldades. Assim, chegam ao estrelato como se estivessem brincando com os infortúnios para realizar seus sonhos, como se praticassem games da vida real, sem computador" (Ursi, 2005: 80).

Ao mesmo tempo em que afirma o potencial criativo das classes populares, esta representação da ausência como causa para o sucesso no futebol cria uma imagem fantasiosa da experiência da privação social. Na medida em que é caracterizada como esfera do lúdico e do tempo ilimitado, a pobreza romantizada não explicita críticas ou suscita resistências. A história de vida típica de um futebolista bem-sucedido consiste em "sair" da pobreza, galgar posições sociais, em uma trajetória ascendente que não desafia, antes reforça, a desigualdade social. Apesar da partilha de rendimentos com os familiares imediatos e amigos próximos, o universo de convívio dos jogadores "vencedores" se transforma tanto quanto seu poder aquisitivo. Tal caminho de ascensão, apesar de ter profundo impacto simbólico, não promove mobilidade social em larga escala.

O trabalho de Damo argumenta que é exatamente na disponibilidade de um grande número de meninos interessados em seguir a projeto futebolístico que reside um dos "segredos" da bem sucedida produção de jogadores no país. A "formação à brasileira" é caracterizada pela disponibilidade quase irrestrita de aspirantes, que reservam a maior parte de seu tempo para o treinamento, em detrimento da educação formal. Seguindo esse argumento, talvez não seja exagero ver nessa superabundância da oferta um dos processos legitimadores dos altos salários pagos aos "craques" que se provaram melhores do que seus concorrentes, visto que o mercado de trabalho para boleiros é extremamente competitivo.

Sérgio Souto demonstra de que maneira a conformação do universo jornalístico, seguindo critérios de noticiabilidade como o quantitativo de fãs/torcedores, acarreta na eleição de um número reduzido de agentes e agremiações cujos rumos e propósitos são acontecimentos midiaticizáveis. Em suas palavras: “Uma pesquisa que medisse o número de vezes em que jogadores são citados no noticiário esportivo da mídia em geral constataria a existência de um círculo vicioso. Como a objetividade jornalística define critérios que transformam um número restrito de jogadores em ‘mais noticiáveis’, a elevação desse círculo à categoria de atores dos acontecimentos de rotina, restringe e, não raro, anula a possibilidade de acesso a outros sujeitos” (Souto, 2004: 129). Trata-se de um processo que reafirma e realimenta o status dos “melhores” atletas atuando nos “melhores” clubes e que está diretamente relacionada à geografia futebolística.

O caráter competitivo dos processos de seleção e recrutamento atua como legitimador da hierarquia, na medida em que o “dom” é tido como garantia de reconhecimento, justificando as desigualdades de posição entre jogadores. Trata-se de uma versão brasileira do self-made-man tipicamente legitimador do sistema de classe (Bordo, 1999). Os que não são bem-sucedidos não têm condições apropriadas de trabalho nem espaço midiático, sendo implicitamente culpabilizados por sua posição inferior. Juntamente com a multiplicidade de condicionantes implicadas na carreira, é o fato da visibilidade/rentabilidade buscada pelos aspirantes não ser acessível a todos que lhe confere o caráter de “loteria”. Parte do *glamour* daqueles que alcançaram o “topo” é sustentada por sua superação dos concorrentes – sendo o processo de seleção, um processo de exclusão.



(QUINO, 1991)

Quino formula, através de Mafalda, uma crítica típica da abordagem marxista ao futebol, que o rotula como pertencente à esfera da ideologia ("ópio do povo"), distanciando as pessoas de questões supostamente mais relevantes, relacionadas às

dinâmicas de exploração. Não é de todo irrelevante que também Carlin construa um argumento de contraste entre futebol e a difusão do HIV na África. Ao invés de estabelecer uma relação de exterioridade hierárquica entre futebol e desigualdade, nos parece pertinente elaborar de que maneira as representações sobre o jogo e a distribuição de poder dentro dele estão imbricadas com a organização social.

Desigualmente distribuída, a visibilidade/ rentabilidade alimenta hierarquias sociais, interagindo de forma complexa com as estratificações de raça, gênero e classe. Tem-se, assim, uma imagem piramidal da dinâmica futebolística em nível nacional e internacional – no qual base e topo não são esferas desconectadas, antes intimamente interligadas em relações de dependência recíprocas e dinamicamente interccionadas com outras formas de desigualdade.

Um "bom" jogador de futebol é produzido por/em relações de poder que ultrapassam o espaço dos gramados. Tomando Pelé como exemplo, e sem desmerecer suas qualidades futebolísticas, ele não teria se tornado "Pelé" sem os investimentos político-capitalistas-midiáticos (e nacionalistas) feitos sobre sua pessoa, sua carreira e no futebol "brasileiro" como uma entidade coerente. Sendo espetáculo/ encenação, a política geográfica da visibilidade no futebol é determinante para as diferenças de remuneração entre jogadores (dentro do país e fora dele), demonstrando a desigualdade estrutural entre as organizações futebolísticas e alimentando a hierarquização de atletas.

A conversão de meninos em (simultaneamente) atletas e mercadorias se funda numa lógica seletiva, voltada para "indivíduos legitimamente reconhecidos como portadores de atributos especiais, vocacionados" (Damo, 2005: 188). Daí que o "dom" seja considerado um conceito importante para Damo. Ele diz respeito a um significante flutuante, dentro do marco teórico da antropologia, que pretende preservar a dimensão intangível intrínseca ao futebol. A auto-percepção de predestinado a craque depende intimamente do reconhecimento que o universo futebolístico (em especial os torcedores) conceda a cada aspirante.

É também neste marco perspectivo que Damo localiza os gastos monetários dos boleiros que alcançaram o topo da carreira: "redistribuição mediada pelas estratégias da entourage" (2005: 114) – entendida como a comunidade em pequena escala que movimenta a seu favor o sucesso que ajudou a construir. Em grande parte egressos de camadas populares desfavorecidas, os futebolistas carregam o estigma de burros por utilizarem seu dinheiro de forma discordante com os padrões de

acumulação e poupança da classe média. O recurso ao conceito de dom possibilita uma leitura alternativa: "se você não tem carro importado, celular de última geração, relógio da marca Rolex e roupa de grife, como poderão saber que você é um booleiro bem sucedido?" (Damo, 2005: 123, nota de rodapé). Segundo Damo, dinheiro, visibilidade e prestígio são ostentados porque denotam o êxito de um jogador. A dimensão "representativa" da carreira é, portanto, quase tão importante quanto a capacidade demonstrada em campo.

Paradoxalmente, o rápido empobrecimento de ex-boleiros se presta como argumento para concepções preconceituosas em relação à população pobre, articulando-se de forma ambígua com a romantização da pobreza. O estigma da falta de inteligência pesa sobre a população de baixa renda como um todo, mas no meio futebolístico pode ser lida também como uma estratégia de silenciamento e descrédito que incide sobre os discursos de jogadores. Em uma de suas crônicas no Jornal Gazeta do Povo, o jornalista Carneiro Neto lamenta: "De vez em quando conseguimos ouvir alguma declaração inteligente no futebol. É coisa rara, incluindo-se aí locutores, comentaristas, dirigentes técnicos e, *sobretudo*, jogadores" (Carneiro Neto, 10/06/2007: 2, itálicos adicionados). É significativo que pessoas capazes de atrair mais atenção midiática do que o Papa ou o presidente dos EUA não tenham em geral expressividade na esfera política.

A dinâmica de silenciamento dos atletas é ainda mais clara no regimento regulamentar da FIFA a respeito da comemoração de gols: os jogadores estão atualmente proibidos de "tirar a camisa, erguê-la para cobrir o rosto e exibir mensagens religiosas e políticas" (Gazeta do Povo, 07/06/2007: 5). Desde 2007, máscaras, gorros ou qualquer outro adereço que não faça parte do uniforme estão igualmente sujeitos a penalizações com emprego de cartões disciplinares. Chama a atenção que o potencial de mobilização intrínseco ao futebol está, atualmente, quase que em sua totalidade, voltado para a promoção do consumo. Aos jogadores cabe portar os anúncios publicitários nos uniformes que emolduram seu corpo, mas não divulgar assuntos de interesse pessoal, sejam eles uma fé determinada ou uma perspectiva política.

As representações hegemônicas sobre o futebol brasileiro comportam, em simultâneo, uma pluralidade de estereótipos racistas, na medida em que o estilo "verde amarelo" é tido como tributário da participação de afro-brasileiros nos

gramados. Não sem razão a Lei Pelé³, que regulamentou o contrato de trabalho livre entre clubes e jogadores, foi comparada à Lei Áurea, que extinguiu a escravidão no Brasil (Bindi, 2001). Bruno Abrahão, em pesquisa sobre o racismo no futebol, afirma que o jogo é um "daqueles espaços que teriam sido destinados para a expressão da 'raça negra'" no Brasil (2005: 05). Sua abordagem defende que, ao se basear em características pretensamente inatas, "as representações positivas atribuídas aos afro-brasileiros no espaço do futebol contribuíram para a afirmação e a manutenção de hierarquias sociais" (2005: 08).

Moldado a partir da essencialização de atributos tidos como próprios da "raça negra", o "futebol arte" atuaria como fator legitimador da exclusão de afro-brasileiros das esferas mais prestigiosas da sociedade. "Versado pelo discurso masculino e branco, a suposta superioridade revelada [pelos] negros para as atividades que dizem respeito ao uso do corpo indicam, em última instância, a forma como os afrodescendentes deveriam ser integrados à sociedade, ocupando os lugares distantes das atividades superiores da razão" (Abrahão, 2005: 08). Apesar de ser impossível imaginar atividades que não digam respeito ao uso do corpo, o contraste está implícito nas representações hegemônicas (ocidentais) e revela dinâmicas de inserção/exclusão que desfavorecem os afrodescendentes. Segundo Abrahão, a "estética do estilo de jogo do futebol brasileiro é também lida, nos dias de hoje, como uma herança da cultura africana na constituição étnica brasileira, que pode ser notada pela representação da origem do nosso futebol" (2005: 72). Capoeira, ginga, samba, improviso, arte, malandragem são adjetivos que, de acordo com Abrahão, permitem entrever a singularidade identitária do Brasil.

Discutindo sobre as representações hegemônicas do Brasil, Soares e Lovisolo argumentam que "o negro e a cultura identificada como afro aparecem como a imagem generalizadora do Brasil e dos brasileiros" (2004: s/p). Tanto interna como externamente, a brasilianidade só seria *autêntica* se relacionada às tradições culturais afro. A reivindicação da contribuição africana na formação do país é uma longa disputa por reconhecimento histórico e igualdade social que está longe de ser satisfeita. Apesar disso, e em especial na esfera futebolística, é precisamente a herança negra que serve para legitimar a especificidade nacional – desde a afirmação do samba e da capoeira como práticas corporais formadoras do estilo de jogo

³ A Lei brasileira nº 9.615 de 1998, conhecida como "Lei Pelé" por ter sido promulgada quanto o jogador era Ministro dos Esportes.

"canarinho", até a defesa da "força natural" dos negros como apropriada para o esporte. Para Lovisolo e Soares: "Diante disto surge um tremendo paradoxo: como conseguimos instalar o racismo contra o negro e ao mesmo tempo tornar a cultura negra como central na construção da brasilidade?" (2004: s/p).

A reivindicação da tradição negra como fundante da brasilidade aponta para um conceito de cultura estático e imutável. Nas palavras de Lovisolo e Soares: "A equação vem de novo à tona para afirmar que a cultura é brasileira quando negra e que talvez se deturpa quando deixa de sê-lo, quando se mistura" (2004: s/p). Estreitando as possibilidades de intercâmbios, ao condensar uma imagem definida da cultura brasileira, tal perspectiva prioriza a manutenção do *status quo*. Neste sentido, apesar da miscigenação ser glorificada enquanto conceito, trata-se de uma miscigenação estabelecida *a priori*, cerceada de potencialidades, enclausurada na representação de si mesma. Assim, a mestiçagem é limitada em um significado previamente estabelecido, que não revela os conflitos e/ou as diferenças, mas a unidade nacional, reforçando o mito da democracia racial.

Por outro lado, o futebol proporciona uma importante dimensão de reconhecimento identitário na medida em estabelece espaços positivos de visibilidade. A representação afro-brasileira nos gramados nacionais oferece, para além da dinâmica hierárquica implícita nas noções de corporalidade racial, um espaço relevante de construção de personagens públicos negros, subvertendo o circuito de invisibilização dos afro-brasileiros – ou seu confinamento a imagens negativas. E talvez não seja exagero afirmar que o futebol não teria se constituído nacionalmente como paradigma da brasilidade caso não possibilitasse a identificação de amplas parcelas da população. Seria infrutífero tentar explorar se o discurso hegemônico se apropriou das identidades subalternas ou o inverso, parece mais acertado encarar ambos os processos como co-constitutivos e formadores do triunfo do “país do futebol”.

O caráter *performático* do futebol brasileiro pode ser também lido em outra chave, pois ele é espaço privilegiado para a construção da masculinidade. De acordo com Raewyn Connell (1995), as competições esportivas fornecem uma das formas hegemônicas de representação dos corpos masculinos em movimento, destacando a superioridade do/s vencedor/es num contexto de concorrência. Partindo do princípio de que são *performances* que dão consistência ao binarismo de gênero (Butler, 2003),

compreende-se porque, para Damo, os meninos "imaginam ocultar um segredo: de que jogando estão se fazendo homens" (2007: 139).

Como tem argumentado o debate sobre esporte e masculinidades, as práticas desportivas dominantes não apenas desvalorizam o engajamento de mulheres em um processo de exclusão/depreciação, mas funcionam ativamente na (re)produção da desigualdade de gênero, criando espaços de homossociabilidade cuja dinâmica é de afirmação de superioridade pelos homens (Messner e Sabo, 1990). Trata-se de uma percepção amplamente difundida no universo futebolístico.

Neste sentido, é paradigmática a equação estabelecida por um internauta em um fórum de discussão on line, segundo a qual "Europa = Fama = Sucesso = Mulheres = Dinheiro = Contratos Milionários de Publicidade" (Fórum HardMOB, 2005). Interessa ressaltar que sua lista incluía "mulheres" como uma das "conquistas" implícitas ao auge da trajetória dos jogadores. Não é uma representação isolada. "Salários astronômicos, fama, mulheres, carrões importados. Se você é jogador de futebol e dos bons, pode ter tudo isso em um estalar de dedos" (Amaral, 2006: s/p). No plural, e niveladas com automóveis e rendimentos financeiros, mulheres estão sujeitas a um processo de objetificação extremamente perverso neste tipo de representação. São tomadas como um dos denotadores de status dos boleiros bem sucedidos e mobilizadas para legitimar a masculinidade hegemônica (heterossexual).

As experiências femininas no futebol, além de quantitativamente reduzidas⁴, são distintamente valorizadas, na medida em que se inserem nas dinâmicas de espetacularização/erotização das mulheres. Silvana Vilodre Goellner argumenta que "há muito tempo as mulheres protagonizam histórias no futebol brasileiro ainda que tenham pouca visibilidade, seja na mídia, no cotidiano dos clubes e associações esportivas, na educação física escolar ou nas políticas públicas de lazer" (2005: 143). Apesar disso, não há no Brasil sequer um campeonato nacional de futebol feminino que garanta colocações profissionais para jogadoras mulheres.

Outra representação reveladora sobre a construção de estereótipos de gênero no futebol é a dos significados investidos na bola – substantivo feminino e feminilizado. De acordo com Armando Nogueira, "a alma feminina de uma bola é capaz de perfídias inimagináveis" (1998: 145). Mesmo defendendo publicamente a participação das mulheres nos esportes em geral, Nogueira reforça a dinâmica de

⁴ Relevante salientar que proibição legal à prática do futebol feminino vigorou no Brasil entre 1965 e 1979 (Goellner, 2005).

erotização a que estão submetidos os corpos femininos, posicionado-os como alvo do olhar masculino. Seus comentários traçam repetitivos paralelos entre a bola e as mulheres: "Ganhei uma bola. É uma jóia. Contemplo-a como se estivesse olhando uma mulher bonita" (1998: 1).

Tanto quanto às metáforas militares e de combate, como foi apontado por Franco Júnior (2007), o futebol se presta a metáforas sexuais, difundindo um imaginário que contrasta estereótipos de masculinidade-ativa e feminilidade-passiva. Segundo Roberto DaMatta, "a potência que sustenta casamentos, engendra filhos e, no campo de futebol, produz a vitória, não depende só de milagre. Ela é, acima de tudo, a decisão de 'comer a bola' e o time adversário (...) Se a bola, como todo mundo sabe, corre mais do que os homens, não se pode ficar parado, tem-se de correr atrás dela e fazê-la penetrar no gol do adversário" (2006: 55). Na mesma medida em que se pretendem literárias, tais narrativas não são inocentes e, como demonstram as críticas feministas, reforçam estereótipos de gênero nos quais à mulher é negada a posição de sujeito.

O futebol, espaço privilegiado para socialização de meninos e homens no Brasil, oferece uma arena de difamação pública e deliberada dos "Outros" identitários da masculinidade hegemônica. Em nenhum outro lugar isto é mais manifesto do que nos estádios, palco do clamor das torcidas. Formulados visando não só valorizar seu próprio time, mas ofender o clube e os torcedores adversários, os gritos entoados em coro compartilham o padrão sexualizado e misógino do linguajar de baixo calão em português. Algumas das ofensas generalizadas são menções pejorativas às supostas práticas sexuais das mulheres relacionadas aos torcedores adversários – indicando que os interlocutores idealizados são igualmente do sexo masculino. A torcida do São Paulo Futebol Clube, por exemplo, em confrontos futebolísticos contra a Sociedade Esportiva Palmeiras, brada: "éééé / mulher de palmeirense só não come quem não quer / eu já comi!".

Outro conjunto ainda mais forte de estratégias de difamação se assenta na homofobia predominante no universo do futebol. Contra seus adversários torcedores do Coritiba Football Club, também conhecido como *Coxa*, os integrantes da Fanáticos, torcida organizada do Clube Atlético Paranaense, entoam uma versão da melodia de The Wall, do Pink Floyd: "Atirei o pau nos coxas / E mandei tomar no cu / Coxarada filha da puta / Chupa rola e dá o cu / Hey, coxa, vai tomar no cu!!!" A sociabilidade do futebol é ativamente mobilizada em performances de masculinidade

que excluem e muitas vezes depreciam as mulheres e os homossexuais em esferas públicas legítimas.

Com efeito, a investigação mais densa do futebol possibilita perceber de outra forma a "identidade brasileira" que ele supostamente representa. O futebol brasileiro concomitantemente revela e dissimula dinâmicas de gênero e sexualidade, de raça e classe que oscilam entre a tensão aberta a acomodação prática. Ademais, a incorporação hierarquizada, a acomodação prática, de todas as pessoas dentro dele. Mas estando cada uma em seu devido lugar, o que é uma prática bastante antiga da sociedade brasileira que o futebol mais do que questionar reforça. Assim, os supostos atributos "inatos" das populações negras e mestiças para a prática do futebol, mais que um elogio é a reificação de um lugar social para estas pessoas - elas podem fazer o espetáculo, mas nunca organizá-lo. Pois o número de pessoas negras como dirigentes, de técnicos, técnicas de futebol em agremiações de grande expressão no Brasil é das mais diminutas. Desta feita, se é verdade que o jogo só termina quando acaba, existe a expectativa de se modificar o campo futebol, no país do futebol. E que pesquisas como esta possam contribuir.

Referências bibliográficas:

ABRAHÃO, B.O.L. (2005) *Uma leitura do idioma simbólico do racismo a partir do futebol*. Site Racismo no Futebol. <<http://www.racismonofutebol.org.br/index.php/Estudo-de-Caso/Estudo-de-caso/>>.

AHMED, S. (2004) *The Cultural Politics of Emotion*. Edinburgh, Edinburgh University Press.

ALABARCES, P. (2002) *Fútbol y Patria: el fútbol y las narrativas en la nación en la Argentina*. Buenos Aires, Prometeu, 2002.

AMARAL, P. (2008) Entrevista com Regina Brandão, o nome por trás da mudança alviverde. In: *Gazeta Esportiva*, São Paulo, 28/08/2006. <<http://www.gazetaesportiva.net/entrevista/futebol/ent179.php>>.

BINDI, L.F. (2001) *Futebol*. <<http://www.sampaonline.com.br/colunas/bindi/coluna2001mar09.htm>>.

BORDO, S. (1999) *Twilight Zones: The Hidden Life of Cultural Images from Plato to O.J.* University of California Press.

BUTLER, J. (2003) *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira.

- CARLIN, J. (2006) "Most Bonito". *New York Times*. New York, 4/06/2006. <http://www.nytimes.com/2006/06/04/sports/playmagazine/04brazil.html?pagewanted=2&_r=1>.
- CARLIN, J. (2006) *Anjos Brancos à beira do inferno: os bastidores do Real Madrid*. Rio de Janeiro, Relume Dumará.
- CARNEIRO NETO. (2007) "Raridades". *Gazeta do Povo. Caderno de Esportes*, Curitiba, domingo 10/06/2007, p.2.
- CONNEL, R. (1995) *Masculinities*. Berkley, University of California Press.
- DaMATTA, R. (2006) *A bola corre mais do que os homens: duas copas, treze crônicas e três ensaios sobre futebol*. Rio de Janeiro, Rocco.
- DAMO, A. (2007) "A dinâmica de gênero nos jogos de futebol a partir de uma etnografia". In: *Gênero: Núcleo Transdisciplinar de Estudos de Gênero - NUTEG*, v.7, n.2, Niterói, EdUFF, 1 sem 2007, p.135-150.
- DAMO, A. (2005) *Do dom à profissão: uma etnografia do futebol de espetáculo a partir da formação de jogadores no Brasil e na França*. (Tese de Doutorado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- FÓRUM HARDMOB. (2005) *ESTADÃO FILHA DA PUTAAAA - preciso da ajuda de vcs..* <<http://forum.hardmob.com.br/showthread.php?t=193267>>.
- FRANCO JÚNIOR, H. (2007) *A dança dos deuses: futebol, sociedade cultura*. São Paulo, Companhia das Letras.
- GALEANO, E. (2004) *Futebol ao sol e à sombra*. 3ª ed., Porto Alegre, L&PM.
- GAZETA DO POVO. "Fifa proíbe máscara e gorro". *Caderno de Esportes*, quarta-feira, 7/06/2007, p.5-5.
- GILROY, P. (2002) *O Atlântico Negro: modernidade e dupla consciência*. Rio de Janeiro: 34/Universidade Cândido Mendes.
- GOELLNER, S.V. (2005) "Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades". *Revista Brasileira de Educação Física*. São Paulo, v.9, n.2, abr/jun 2005, p.143-151.
- HELAL, R. (2001) "As idealizações de sucesso no imaginário brasileiro: um estudo de caso". In: HELAL, Ronaldo (org). *A invenção do país do futebol: mídia, raça e idolatria*. Rio de Janeiro, Mauad, p.135-148.
- LOVISOLO, H.; SOARES, A.J. (2004) "De dentro e de fora: futebol e imagem do Brasil". *Revista Eletrônica Polêmica*, Rio de Janeiro, v. 13, 2004.
- LOVISOLO, H.; SORARES, A.J. (2003) "Futebol: a construção histórica do estilo nacional". *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, Campinas, v. 25, n. 1, p. 129-143.

- LOVISOLO, H. (2001) "Saudoso futebol, futebol querido: a ideologia da denúncia". In: HELAL, Ronaldo (org). *A invenção do país do futebol: mídia, raça e idolatria*. Rio de Janeiro, Mauad p.77-99.
- MAGUIRE, J. (1999) *Global Sport: identities, societies, civilizations*. Cambridge, Polity Press.
- MESSNER, M.; SABO, D.A. (Eds.) (1990) *Sport, men, and the gender order: critical feminist perspectives*. Human Kinetics Books, Illinois, p. 1-114.
- NOGUEIRA, A. (1998) *O canto dos meus amores*. Rio de Janeiro, Dunya Editora.
- QUINO. (LAVADO, Joaquín Salvador.) (1991) *Toda Mafalda: da primeira a última tira*. São Paulo, Editora Martins Fontes.
- RECCHIA, T. (2007) "Los Tres Inimigos". In: *Gazeta do Povo*, Curitiba, 26/05, p.1.
- RODRIGUES, N. (2007) *O berro impresso nas manchetes: crônicas completas da Manchete Esportiva 55-59*. Rio de Janeiro, Agir, pp.1-243.
- SHOHAT, E.; STAM, R. (2006) *Crítica da Imagem Eurocêntrica: Multiculturalismo e Representação*. São Paulo: Cossac Naify.
- SOUTO, S.M. (2004) "Futebol: entre o simbólico e o mercado". In: GARGANTA, J.; OLIVEIRA, J.; MURAD, M. (org) *Futebol de muitas cores e sabores: reflexões em torno do desporto mais popular do mundo*. Cidade do Porto: Universidade do Porto/Campo das Letras. p.119-136.
- SOUTO, S.M.. (2000) *Os três tempos do jogo: anonimato, fama e ostracismos no futebol brasileiro*. Rio de Janeiro, Graphia.
- URSI, J.M. (2005) *Como nascem os deuses da bola*. Curitiba, Edição do Autor, 2005.
- VOGEL, A. (1982) O momento feliz: reflexões sobre o futebol e o ethos nacional. In: DA MATTA, R. (org.) *Universo do futebol: Esporte e sociedade brasileira*. Rio de Janeiro: Pinakothek.